GRANDE CONGRESSO NACIONAL

LISBOA — 1910

Influencia da tradição monumental e local no desenvolvimento do "turismo" no paiz.

(These extra P.)

Memoria apresentada pela

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Relator — Victor Ribeiro,

seu socio effectivo e correspondente da Academia Real das Sciencias.

LISBOA
Impresso na Casa da Moeda
1910 — Abril.

GRANDE CONGRESSO NACIONAL

LISBOA — 1910

Influencia da tradição monumental e local no desenvolvimento do "turismo" no paiz.

(These extra P.)

Memoria apresentada pela

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Relator — Victor Ribeiro,

seu socio effectivo e correspondente da Academia Real das Sciencias.

LISBOA
Impresso na Casa da Moeda
1910 — Abril.

Proprietaria e editora a Real Associação

Tiragem 1:500 exemplares

Influencia da tradição monumental e local no desenvolvimento do turismo no paiz.

> Crêdes que esses romeiros da arte voltam da romagem aos seus lares sem dispender muito ouro, e esqueceis que esse ouro ficou por mãos de portuguezes?
>
> ALEXANDRE HERCULANO.

A corrente do *Turismo*, iniciada ha poucos annos em Portugal, secundada pelos artigos da *Lancet* e memorias do Dr. D. G. Dalgado, e logo depois pelos intelligentes esforços das emprezas de navegação *Booth Line* e *Th. Cook*, (esforços que não obtiveram o devido acolhimento do governo e das corporações portuguezas), sem comtudo se terem conseguido medidas efficazes para a auxiliar, esta corrente, que já vai engrossando pela crescente onda de turmas de touristes, pela maior parte inglezes e allemães, representa sem a menor duvida, um auspicioso futuro para a nação, fonte de receitas e vantagens economicas para o Estado, para o commercio e para a industria nacional.

Não nos conquistará sómente estas vantagens materiaes immediatas, senão tambem e mui principalmente, outras vantagens sociaes, de mais elevado alcance, pela approximação dos extrangeiros, geralmente cultos, que, ao sahir da nossa patria, levando nas suas malas gratas recordações, vão amiudadas vezes traduzi-las em livros de viagens e em notaveis memorias sobre a nossa arte, a nossa litteratura,

os nossos monumentos e os nossos costumes. A fama e o bom nome de Portugal são deste modo apregoados *urbi et orbi* pela voz auctorizada dos mais illustres e sabios escriptores extrangeiros.

E' grato dever de reconhecimento confessar que, desde remotos tempos, muito temos devido sempre á admiração, e até por vezes apaixonado amôr, de viajantes, que entre nós permaneceram maior ou menor numero de dias. Bastará nesta occasião citar, sem remontarmos aos mais antigos, os nomes nunca assás lembrados de W. Beckford, de Link, de Hoffmansegg, de Hubner, de Rackzinsky, de Lichnowsky, de Albrecht Haupt, de madame Adam, do major Hume, de Feichenfeld, de Dieulafoy e de tantos e tantos outros escriptores e artistas, que seduzidos pela magica influencia da nossa paizagem ridente, pelos nossos interessantes e preciosos monumentos artisticos e historicos, se dilatam em encomios enthusiasticos a este pequeno paiz de bello sol meridional, que aquece e alegra as almas de artistas, em enlevos salutares, em arroubamentos que são para nós consoladoras palavras, de que deveriamos tirar incitamento e proveitosa licção.

E, ainda, além destes, quantos outros viajantes, não escriptores, desde os soberanos e altos personagens extrangeiros, até aos mais modestos visitantes, vão, mundo fóra, apregoando, de viva voz, a impressão funda que lhes causou o nosso inolvidavel clima e, saudosos uns como Robert Centner, ensinam em longes terras, na pequena cidade de Verviers, na Belgica, a lingua portugueza; outros, fazem como o illustre homem de sciencia da Inglaterra, sir Clement Markham, antigo presidente da Real Sociedade de Geographia de Londres, que uma vez vindo a Portugal, ao Mont'Estoril, mesmo apesar de octogenario, se dedica a aprender os rudimentos da lingua de Camões, e enlevado pelos beneficios colhidos nesta soberba estação de inverno, aqui regressa de novo no anno immediato, tendo feito a favor da estação climaterica do Mont'Estoril — a Riviera de Portugal — uma propaganda tão valiosa quanto é cheia de auctoridade scientifica e social a pessoa do propagandista.

Infelizmente porém, o paiz, os seus governos, as suas administrações locaes e municipaes, e as suas corporações diversas, longe de promoverem pelo exemplo, pela licção, pela justiça e acerto das suas resoluções, o culto dos monumentos e das reliquias da arte antiga nacional, consentem abominaveis abusos, profanações e vandalismos, verdadeiros desacatos, como o que, não ha muito, o nosso prestimoso conso-

cio sr. José Queiroz presenceou nos claustros dos Jeronymos, ou quando menos, manifestam o seu desamor e indifferença por estes assumptos. Bastará referir-nos, de relance, ás difficuldades, por vezes insuperaveis, que se antepoem ao estudioso nacional ou extrangeiro, quando, reverente ou enthusiasta, deseja visitar um museu, um monumento, um simples edificio ou parte d'elle. São mil as peias que logo lhe embargam os passos. Para visitar o riquissimo museu da capella de São João Baptista, tão louvavelmente organizado a instancias do nosso eminente consocio dr. Sousa Viterbo, é forçoso esperar por certos e determinados domingos do mez, ou obter especial licença, tendo o extrangeiro de adiar a sua visita para o dia que lhe fôr designado. Os tumulos de D. João de Castro e dos seus descendentes, na capella dos Castros em S. Domingos de Bemfica, são inaccessiveis porque as irmãs de uma ordem religiosa, alojada no edificio, contra as leis do paiz, se negam a patenteal-os ao visitante; o mesmo diremos do soberbo tumulo de João dos Regras, na velha egreja de S. Domingos de Bemfica, quasi sempre fechada, do precioso templo e collecções artisticas da Madre de Deus, e de tantas outras reliquias da historia e da arte nacionaes, dispersas pelo paiz.

Por sua parte o povo, a plebe das ruas, a quem, geralmente ninguem ensina a lêr, e portanto muito menos a amar e respeitar, como o povo italiano, os seus monumentos, as suas estatuas, as suas reliquias de arte, completa a obra de abandono a que os votam os poderes constituidos, e suja, destroe, risca e emporcalha esses monumentos que, nos outros paizes mais cultos, são objecto do enlevo e carinho das corporações officiaes e do publico. Assim, vemos arrancadas as lettras de bronze da estatua de D. José, sem que haja dos poderes superiores do Estado siquer a providencia, aliás tão facil e intuitiva de a proteger, assim como a tantas outras, por uma sentinella, recrutada entre as praças ociosas dos corpos do exercito ou das guardas da policia ou municipal, sentinella que teria por missão não só livrar os monumentos de insultos e vandalismos, como tambem impedir o feio espectaculo da vadiagem, que irreverentemente permanece sobre elles deitada ou sentada, em posturas por vezes indecorosas, na selvatica indolencia de que só nos dão exemplos alguns dos povos meridionaes da Europa e as barbaras cidades do norte de Africa.

Affigura-se-nos portanto, que, sendo incontestavel hoje, como theorema social e economico, que o industrialismo das excursões e das

viagens, representa um recurso importantissimo, principalmente para um paiz como o nosso, que achando-se pelo seu descalabro economico-financeiro, na triste situação, que um notavel economista italiano contemporaneo classificou de *paizes de finanças avariadas*—é urgente promover por todos os meios a industria nova do *turismo*, aproveitando, sem grande esforço as condições e excepcionaes recursos que a natureza, o clima, as tradições historicas e os monumentos artisticos que possuimos, uberrimamente nos facultam.

A Suissa, a Italia, a França promovem esta corrente de viagens e excursões aos recantos mais pittorescos do seu territorio; e o rendimento que teem auferido deste industrialismo facil é simplesmente fabuloso.

Para obtermos estes resultados, resolvendo assim em parte o problema economico que nos assoberba, não basta principiar pelos projectos do governo, de promover a fundação de hoteis de luxo, ou de conseguir a realização dos comboios, tambem luxuosos, do Sud-Express, que apenas aproveitam, uns e outros, a limitado numero de viajantes millionarios, e que tanto uns como outros se podem estabelecer apenas á custa de condições onerosas para a nação.

O que é necessario é que o governo promova uma larga propaganda de réclame, não no paiz e para o paiz, mas no extrangeiro e para os extrangeiros, consistindo em artigos nos seus jornaes e revistas medicas, scientificas e artisticas; na profusa distribuição de livrinhos descriptivos e illustrados em inglez, em allemão, em francez, e de guias e indicadores praticos, nos quaes se fará menção das nossas riquezas archeologicas e artisticas; na obtenção de rapidos e directos para o centro da Europa, tendo á disposição do *turista* que viaja com modesta economia, as carruagens de 1.ª e 2.ª classe; em promover no paiz o asseio das carruagens do caminho de ferro, o das estações (que se apresentam repellentes, como a do Rocio, que é a Central e mais frequentada de extrangeiros, a do Caes do Sodré, simplesmente infame, e de todas as das linhas nacionaes); em crear rapidos e expressos servindo as regiões mais pittorescas e os monumentos mais notaveis, como por exemplo a Batalha, Alcobaça, Mafra, etc., assim como a revisão das tarifas de transportes, demasiadamente caras, a suppressão e simplificação dos processos de fiscalização aduaneira, e finalmente, em cuidar com zelo no bom policiamento e saneamento das povoações, evitando a mendicidade repugnante e os abusos de exploração contra os extrangeiros.

Estes são os males e remedios geraes attinentes ao problema do desenvolvimento do *excursionismo;* mas, como complemento destas medidas esta Real Associação, no desempenho dos seus fins especiaes e fundamentaes, lembrará outras tendo em vista a campanha activa, que sempre promoveu, em favôr dos nossos monumentos.

O extrangeiro, em geral, procura sempre alliar á sua excursão, qualquer que seja o motivo que a determine,—ou de saude ou de commercio—a visita e contemplação dos monumentos artisticos, das reliquias dos passados tempos historicos. Muitas localidades ha no paiz, como os campos do Bussaco e de Aljubarrota, as serras da Estrella, de Cintra, e da Arrabida, e muitas outras, que poderiam tornar-se objectivo de interessantes romarias. Casas celebres possuimos, bairros antigos, padrões singelos, pequenas memorias ou reliquias historicas, que dão caracter e interesse a uma localidade, tumulos, como o de Ignez de Castro, de Henrique Fielding, de Carlos Alberto, de Herculano, etc. que seriam alvo de piedosas romagens de inglezes, italianos, francezes e allemães.

E' preciso porém conseguir-se que o governo e o conselho dos monumentos nacionaes alcancem e realisem providencias que satisfaçam aos seguintes desideratos:

1.º A organização do inventario completo e classificação minuciosa dos monumentos nacionaes de toda a ordem, bem como da lista das reliquias historicas, artisticas ou simples curiosidades dignas de interesse para os touristes e viajantes, como por ex. a lendaria fonte das lagrimas ou dos Amôres, os monumentos de Sagres, etc., etc.

2.º A publicação em folheto, e em varias linguas do extracto summario, deste inventario descriptivo.

3.º A conservação nacional dos monumentos, defendendo-os contra restaurações grotescas e anachronicas, e completando-se aquelles que se encontram em vergonhosas ruinas, de nunca ultimadas edificações, como por ex. o palacio da Ajuda, a egreja de Santa Engracia, etc.

4.º O conseguimento, pela persuação e pela propaganda activa, de que todas as municipalidades cuidem com amôr nestes pequenos nadas que tornam interessantes as villas e cidades:—a conservação e limpesa dos seus monumentos ou memorias tradicionaes; a affixação de lapidas commemorativas de homens e de factos; a fundação, conservação e exposição permanente desses commovedores museus locaes,

de que possuimos já felizmente razoavel numero dispersos pelo paiz, o que demonstram ao nacional e ao extrangeiro o culto enternecedor, mixto de civilização e de patriotismo, pelas reliquias venerandas da nossa terra e de nossos maiores; o ajardinamento e embellezamento dos logares proximos a esses monumentos; o policiamento dos sitios frequentados por extrangeiros, e finalmente a promoção de attractivos e distracções que façam convencer os viajantes da conveniencia de se demorarem horas e dias na localidade.

5.º A educação civica da população indigena, levando-a desde a escola primaria, a estimar, apreciar e amar as estatuas, os monumentos, os edificios antigos, os quadros, os azulejos, as muralhas, os castellos, o mobiliario artistico, ensinando-lhes o seu valor, a sua historia, as poeticas lendas que os tornam attrahentes; promover assim o *culto* da arte e da archeologia, caracteristico muito especial dos povos civilizados, culto que se irá depurando, de mais em mais, no tracto e convivencia dos extrangeiros, e na observação directa das vantagens sociaes e economicas que nos advirão destes cuidados e disvelos pelas reliquias, já bastante malbaratadas do nosso riquissimo patrimonio artistico, mas que ainda assim representam farto e opulento peculio.

Tal a orientação geral, que é forçoso estudar e a que julgamos da maxima conveniencia applicar-se a actividade mental e o industrialismo do paiz, certos de que, a exemplo do succedido nos paizes extrangeiros, e do resultado já lisonjeiro que, como *estação de inverno*, pelas suas excepcionaes qualidades climatericas, vão conquistando o Mont'Estoril e a costa algarvia, os resultados hão de ser fecundos.

Por isso pugnando pela sua these lembra esta Real Associação dos Archeologos, como synthese della, os seguintes *meios* de conseguir a divulgação das bellezas e curiosidades artisticas, archeologicas e historicas do nosso paiz, com o fim designado, a saber:

1.º — Creando e aviventando o *culto* dos monumentos.

2.º — Promovendo a sua conservação racional e methodica.

3.º — Defendendo-os contra vandalismos, e restaurações condemnaveis.

4.º — Mantendo todas as reliquias historicas, artisticas ou tradi-

cionaes em faceis e respeitosas condições, para poderem ser visitadas de nacionaes e extrangeiros.

5.º — Regulamentando todas as facilidades para a visita aos museus e collecções, publicas ou mesmo particulares, para que se tornem permanentemente accessiveis aos estudiosos.

6.º — Levantando, emfim, por todos os modos, o espirito civilizador, que se avigora no respeito e veneração ás reliquias da arte antiga e da historia patria, pelas quaes se perpetua a memoria dos homens e dos factos culminantes da vida do povo portuguez.

Convencida da urgente necessidade da applicação pratica destes alvitres, subordinados ao plano acima exposto, a Real Associação dos Archeologos Portuguezes, apresentando a sua these como modesta achêga aos trabalhos de *Congresso Nacional*, affirma mais uma vez que considera os meios nella propostos como importantes subsidios para se conseguir um dos mais opportunos problemas da nossa vitalidade — *o desenvolvimento do turismo em Portugal* — problema cuja realisação satisfará aos seguintes *fins* de altissimo interesse patriotico:

I — Contribuir com uma quota bastante sensivel para o restabelecimento economico e financeiro, não só do Estado, como de todas as forças vivas do paiz: — industria, commercio, arte, etc.

II — Melhorar as condições de educação e de civilização do povo portuguez, trazendo á sua convivencia mais ou menos prolongada, milhares de extrangeiros, pela maior parte cultos e illustrados, e que serão outros tantos milhares de agentes da Civilização e do Progresso. Portanto, a resolução pratica desta these não só pertence ao numero de medidas que atacam a fundo o *Problema economico*, como tambem aproveita á consecução dos *Problemas educativo e social.*

III — Do desenvolvimento progressivo do *turismo*, alem das vantagens annunciadas nos n.os I e II, advirá com a observancia do complemento artistico, archeologico e historico das excursões dos extrangeiros, o levantamento do bom nome de Portugal, já pela revivescencia das suas gloriosas tradições historicas, de universal alcance; já pela exposição franca das maravilhosas provas documentaes da sua arte, da sua architectura arabe, byzantina, romana, medieval, da renascença e do manuelismo, da sua ourivesaria, da sua jardinagem, da sua

armaria preciosa, da serralharia, da esculptura, das mil manifestações emfim das artes industriaes e artisticas, em que laboraram emparceirados artifices das mais diversas nacionalidades, como os flamengos, com Van Dyck, os biscainhos, os italianos com Contucci e Filippe Terzo, os castelhanos com Castilhos, os francezes com João de Rouan, extrangeiros dos quaes muitos descendentes persistem ainda entre nós, aportuguezados os appellidos, confundindo-se, identificando-se nesta população, onde se creou a civilização cosmopolita do seculo XVI.

Ligam-se pois indissoluvelmente nesta these os problemas *social e historico*, alliando-se no mais elevado fim da confraternização dos povos, ultrapassando o plano perfeitamente *nacional* das aspirações do Congresso, sem comtudo deixar de obedecer a elle, e attingindo o ideal supremo da — *Confraternização universal* — conquista ultima da Humanidade, que se géra na convivencia pacifica, constante, assidua destas correntes permutantes de *touristes*, que uns aos outros se visitam, levando nas malas de viandantes queridos, o mesmo influxo benefico de *Civilização e de Progresso*, que os soldados de Bonaparte, embora, como hospedes temidos e perigosos, levaram nas suas bayonetas, onde ainda brilhavam lampejos do braseiro revolucionario que illuminou os espiritos e transformou a Europa, na quadra tão extraordinariamente fecunda em que o seculo XVIII mergulhava nas paginas da Historia, para dar logar e passagem triumphante ao seculo XIX.

E são as tradições progressivas desse seculo que o seculo presente, inda involto em faixas infantis, procura admirar, e febrilmente se empenha em proseguir e desenvolver, na aspiração eterna de mais amplas e desafogadas conquistas dos povos, na sua vida intima e familial, na sua actividade creadora, artistica e scientifica, no equilibrio das suas leis e das suas liberdades, e no estreitamento das relações pacificas internacionaes, fim ultimo a que visam as exposições, os congressos, as conferencias politicas e todos os certamens da Paz, do Trabalho e do Progresso Universal.

Pela Real Associação
os seus delegados ao Congresso:

Rozendo Carvalheira.
Victor Ribeiro (relator).